

# LINGUÍSTICA DA LIBRAS: LÉXICO, MORFOLOGIA, FONOLOGIA E ESTRUTURA VISUOESPACIAL

*LIBRAS LINGUISTICS: LEXICON, MORPHOLOGY, PHONOLOGY AND VISUOSPATIAL  
STRUCTURE*

## **José Sinésio Tôrres Gonçalves Filho**

Universidade Federal Rural da Amazônia, Brasil  
Docente e Pesquisador

## **Maisa Conceição Silva**

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil  
Doutora em Estudos Linguísticos e Linguística Aplicada

## **Carla Beatriz Medeiros Klein**

Universidade Federal do Rio Grande, Brasil  
Doutoranda em Letras

## **Francielle Cantarelli Martins**

Universidade Federal de Pelotas, Brasil  
Docente e Pesquisadora

## **Ana Carolina Raimundo Silva**

Instituto Federal Goiano, Brasil  
Mestra Profissional em Ensino para a Educação Básica

## **Maria Rita Alexandre Alcanfor**

Universidade Federal de Alagoas, Brasil  
Graduanda em Letras-Libras

DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i6.686>

Aceito em: 14.06.2026

**Resumo:** Este artigo discute a Linguística da Língua Brasileira de Sinais (Libras), com ênfase no léxico, na morfologia, na fonologia e na estrutura visuoespacial, compreendendo-a como língua natural, autônoma e complexa. O estudo parte de uma perspectiva teórica e bibliográfica, fundamentada em pesquisas linguísticas sobre línguas de sinais, para evidenciar que a Libras possui organização própria e não pode ser reduzida a gestos, mímicas ou recurso auxiliar de comunicação. O léxico é analisado como dimensão central da construção de sentidos, identidades e experiências culturais da comunidade surda, pois os sinais organizam formas de nomeação, categorização e interação social. A morfologia é abordada a partir dos processos de formação de sinais, como composição, derivação, reduplicação, incorporação nominal e incorporação numérica, demonstrando a produtividade da língua e a relevância da simultaneidade na articulação de informações gramaticais. A fonologia é apresentada por meio dos parâmetros distintivos da Libras, tais como configuração de mão, movimento, locação, orientação da palma e expressões não manuais, incluindo a discussão sobre contrastes mínimos e o estatuto da mão não dominante. Por fim, a estrutura visuoespacial é compreendida como princípio



gramatical e cognitivo, no qual corpo, espaço, olhar, iconicidade e corporeidade participam da produção de sentidos. Conclui-se que a Libras amplia a compreensão da linguagem humana, reafirmando a visualidade como modalidade legítima de organização linguística, cultural e científica. A análise reforça a importância dos estudos linguísticos para a valorização da educação bilíngue, da acessibilidade comunicacional e dos direitos linguísticos das pessoas surdas no Brasil contemporâneo, em contextos sociais e educacionais.

**Palavras-chave:** Libras. Léxico. Morfologia. Fonologia. Estrutura visuoespacial.

**Abstract:** This article discusses the linguistics of Brazilian Sign Language (Libras), emphasizing lexicon, morphology, phonology, and visuospatial structure, and understanding it as a natural, autonomous, and complex language. The study adopts a theoretical and bibliographic perspective, grounded in linguistic research on sign languages, to demonstrate that Libras has its own organization and cannot be reduced to gestures, mimicry, or an auxiliary communicative resource. The lexicon is analyzed as a central dimension in the construction of meanings, identities, and cultural experiences within the Deaf community, since signs organize forms of naming, categorization, and social interaction. Morphology is approached through sign formation processes, such as compounding, derivation, reduplication, nominal incorporation, and numerical incorporation, demonstrating the productivity of the language and the relevance of simultaneity in the articulation of grammatical information. Phonology is presented through the distinctive parameters of Libras, such as handshape, movement, location, palm orientation, and non-manual expressions, including the discussion of minimal contrasts and the status of the non-dominant hand. Finally, the visuospatial structure is understood as a grammatical and cognitive principle in which body, space, gaze, iconicity, and embodiment participate in meaning production. It is concluded that Libras broadens the understanding of human language, reaffirming visuality as a legitimate modality of linguistic, cultural, and scientific organization. The analysis reinforces the importance of linguistic studies for valuing bilingual education, communicational accessibility, and the linguistic rights of Deaf people in contemporary Brazil, especially in social and educational contexts. It also supports academic recognition of signed languages as complex semiotic systems today worldwide.

**Keywords:** Libras. Lexicon. Morphology. Phonology. Visuospatial structure.

## Introdução

A investigação científica da Língua Brasileira de Sinais — Libras — demanda uma compreensão ampla de sua organização linguística, sobretudo quando se considera a articulação entre léxico, morfologia, fonologia e estrutura visuoespacial. A Libras não pode ser reduzida a um conjunto de gestos, mímicas ou recursos comunicativos auxiliares, pois se constitui como língua natural, dotada de regularidades internas, produtividade lexical, organização gramatical e funcionamento discursivo próprio. Sua modalidade visuoespacial estabelece uma forma específica de produção e percepção da linguagem, na qual as mãos, o corpo, o rosto, o olhar e o espaço assumem funções linguísticas complexas. Assim, compreender a linguística da Libras significa reconhecer que os sinais são unidades lexicais estruturadas, culturalmente

compartilhadas e gramaticalmente reguladas, cujo funcionamento exige categorias analíticas sensíveis à visualidade e à corporeidade.

No campo dos estudos lexicais, a Libras apresenta um sistema rico, dinâmico e produtivo, em que os sinais funcionam como unidades de nomeação, categorização e construção de sentidos. O léxico, nesse contexto, não corresponde apenas a uma lista de sinais equivalentes a palavras da Língua Portuguesa, mas constitui um campo de organização semântica, cultural, social e identitária. Sousa e Quadros (2023/24, p. 1) ressaltam que o primeiro contato da pessoa surda com sua primeira língua ocorre por meio do léxico, isto é, por meio dos sinais, os quais se materializam no corpo, nas mãos, nas expressões não manuais, nas referências culturais e nas relações sociais. Desse modo, o léxico da Libras revela-se como dimensão central para a constituição da linguagem, da subjetividade e do pertencimento linguístico da pessoa surda.

A centralidade do léxico pode ser compreendida a partir da afirmação de Antunes, segundo a qual “sem léxico não há língua” (Antunes, 2012, p. 27 *apud* Sousa; Quadros, 2023/24, p. 1). Essa formulação é especialmente pertinente quando aplicada às línguas de sinais, pois os sinais são o primeiro meio pelo qual a criança surda acessa o mundo simbólico, organiza experiências visuais, constrói categorias conceituais e participa de práticas discursivas. O léxico, portanto, não é mero inventário vocabular; ele constitui a matéria linguística por meio da qual sujeitos surdos produzem sentidos, compartilham experiências, constroem identidades e se inserem em comunidades discursivas. Por essa razão, os estudos lexicais da Libras devem ultrapassar a equivalência sinal-palavra e considerar a complexidade semântica, pragmática e sociocultural dos sinais.

Na perspectiva lexicológica, os sinais da Libras são unidades linguísticas que articulam forma, significado e uso social. Cada sinal possui uma estrutura interna composta por parâmetros fonológicos, mas também carrega valores culturais, históricos e discursivos. Sousa e Quadros (2023/24, p. 4) afirmam que o sujeito surdo compreende múltiplos aspectos das relações sociais por meio do componente lexical, uma vez que os discursos são possíveis a partir das materialidades lexicais. Essa concepção permite compreender o léxico como espaço de encontro entre língua e sociedade, visto que os sinais expressam modos de perceber, classificar e interpretar a realidade. Assim, o léxico da Libras não se organiza de forma neutra ou descontextualizada, mas se constitui em práticas sociais concretas, atravessadas por experiências visuais, corporais e identitárias.

A visualidade ocupa lugar essencial nesse processo. Stumpf e Linhares destacam que a experiência visual deve ser compreendida como base do pensamento e da linguagem dos surdos, pois a visualidade não é apenas característica de objetos ou métodos pedagógicos, mas dimensão constitutiva dos corpos surdos e de sua relação com a Libras (Stumpf; Linhares, 2021d, p. 99 *apud* Sousa; Quadros, 2023/24, p. 3). Desse modo, a Libras não pode ser analisada adequadamente por modelos exclusivamente derivados das línguas oral-auditivas. Sua estrutura requer uma

abordagem que considere a percepção visual, a espacialidade, a simultaneidade e a corporeidade como princípios organizadores da linguagem.

No plano morfológico, a Libras evidencia processos de formação de sinais que demonstram sua produtividade interna. A morfologia das línguas de sinais apresenta especificidades decorrentes da modalidade visuoespacial, especialmente porque a combinação de unidades significativas nem sempre ocorre de modo linear ou sequencial. Nas línguas orais, é comum que palavras complexas sejam formadas pela adição de prefixos ou sufixos a uma raiz. Nas línguas de sinais, entretanto, a formação de unidades complexas frequentemente ocorre por processos não concatenativos, nos quais a raiz é enriquecida por movimentos, direções, contornos e relações espaciais. Quadros e Karnopp observam que, nas línguas de sinais, formas complexas resultam de processos em que “uma raiz é enriquecida com vários movimentos e contornos no espaço de sinalização” (Quadros; Karnopp, 2004, p. 87 *apud* Takahira, 2012, p. 272).

Essa característica demonstra que a morfologia da Libras não pode ser interpretada apenas pela lógica da linearidade. A língua se organiza por simultaneidade, permitindo que informações lexicais, gramaticais, espaciais e discursivas sejam expressas ao mesmo tempo. Felipe (2006, p. 200 *apud* Takahira, 2012, p. 273) argumenta que os parâmetros da Libras, tradicionalmente considerados unidades fonológicas, também podem funcionar como morfemas, compondo sistemas complexos de flexão verbal, concordância, locatividade e formação de palavras. Assim, configuração de mão, movimento, localização, direcionalidade e expressões faciais e corporais podem atuar tanto na constituição fonológica do sinal quanto na marcação morfológica de sentidos.

A morfologia da Libras, portanto, revela a interdependência entre os níveis linguísticos. Determinado parâmetro pode funcionar como traço fonológico em um contexto e, em outro, assumir função morfológica. O movimento, por exemplo, pode distinguir sinais, mas também marcar processos derivacionais, aspectuais ou de incorporação. Abreu (2019, p. 6) demonstra que, na Libras, a derivação pode ocorrer pela alteração da raiz mediante a adição de pelo menos um parâmetro ao sinal primitivo, sendo esse parâmetro compreendido como morfema gramatical livre ou preso, acrescido de forma simultânea ou sequencial. Essa análise permite observar que os sinais não são unidades fixas e isoladas, mas estruturas passíveis de transformação, expansão e recombinação.

Entre os processos morfológicos mais relevantes estão a derivação, a composição, a reduplicação, a incorporação nominal e a incorporação numérica. A derivação pode ocorrer por alteração do movimento, mudança de configuração de mão, acréscimo de expressões não manuais ou modificação de parâmetros internos do sinal. A composição ocorre quando dois ou mais sinais se articulam para formar uma nova unidade lexical. A reduplicação pode expressar repetição, pluralidade, intensidade ou distinções categoriais, dependendo do contexto. A incorporação nominal, por sua vez, envolve a associação de elementos nominais a bases verbais, criando sinais complexos com unidade semântica própria. Abreu (2019, p. 6) conclui que os processos de

derivação e incorporação nominal são produtivos na Libras e contribuem diretamente para a formação de novos itens lexicais.

A relação entre morfologia e léxico torna-se evidente quando se observa que a criação de sinais não é aleatória. Os novos sinais emergem de necessidades comunicativas, contextos socioculturais, campos técnicos, práticas educacionais e experiências coletivas da comunidade surda. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 379) destacam que a criação de sinais-termo em Libras envolve mecanismos linguísticos, gramaticais e cognitivos, especialmente em áreas técnicas como saúde e biossegurança. Nessa perspectiva, a construção lexical não se limita à escolha de uma forma visual para representar um conceito, pois envolve corporeidade, iconicidade, experiência sensório-motora e validação social. O sinal-termo, portanto, é resultado de um processo linguístico e cognitivo que articula forma, significado, contexto e comunidade.

No campo fonológico, a Libras apresenta unidades mínimas não sonoras responsáveis pela composição e distinção dos sinais. A fonologia das línguas de sinais não se ocupa de sons, mas de parâmetros visuais e articulatórios. Stokoe foi um dos primeiros pesquisadores a descrever unidades mínimas em línguas de sinais, identificando configuração de mão, locação e movimento como elementos fundamentais da estrutura sinalizada (Stokoe, 1960 *apud* Takahira, 2012, p. 263). Posteriormente, outros estudos ampliaram essa descrição, incorporando a orientação da palma da mão e as expressões não manuais como parâmetros relevantes. Dessa forma, a fonologia da Libras evidencia que os sinais possuem organização interna e que a alteração de um parâmetro pode modificar o significado de uma unidade lexical.

A configuração de mão corresponde à forma assumida pela mão durante a realização do sinal; a locação indica o ponto do corpo ou do espaço em que o sinal é produzido; o movimento refere-se ao deslocamento ou à dinâmica da articulação; a orientação diz respeito à direção da palma da mão; e as expressões não manuais envolvem movimentos faciais, corporais, oculares e posturais. Vargas, Mezzomo e Kessler (2017, p. 2) explicam que, na Libras, as unidades mínimas equivalentes aos fonemas ou traços distintivos são denominadas parâmetros, os quais modificam a composição de um sinal. Esse entendimento confirma que a Libras possui estrutura fonológica sistemática e que sua organização visual não elimina a existência de contrastes mínimos.

Os pares mínimos em Libras demonstram claramente a função distintiva dos parâmetros. Quando dois sinais diferem apenas por um elemento — como configuração de mão, locação, movimento ou orientação — e apresentam significados distintos, confirma-se o papel fonológico desse parâmetro. Vargas, Mezzomo e Kessler (2017, p. 1) elaboraram um instrumento para investigar a percepção de contrastes mínimos na Libras e organizaram pares de sinais que se opunham em apenas um dos parâmetros. Esse tipo de estudo evidencia que a percepção visual desempenha papel fundamental no armazenamento, reconhecimento e produção dos sinais, assim como a discriminação fonêmica é essencial nas línguas orais.

A fonologia da Libras também revela fenômenos que desafiam fronteiras rígidas entre os níveis linguísticos. Máximo (2016, p. 8), ao investigar o estatuto da mão não dominante,

demonstra que essa mão pode apresentar função distintiva no sistema fonológico da Libras, além de estabelecer relações com a morfologia e a sintaxe. A autora observa que há restrições relacionadas à configuração de mão, locação, movimento e orientação da palma, bem como diferenças quanto à obrigatoriedade ou opcionalidade da mão não dominante em determinados sinais. Esses achados indicam que a mão não dominante não deve ser compreendida apenas como apoio articulatório da mão dominante, mas como componente relevante da estrutura linguística da Libras.

Essa interdependência entre fonologia, morfologia e sintaxe demonstra que a Libras exige categorias analíticas próprias. Em muitas línguas orais, a separação entre níveis linguísticos costuma ser apresentada de maneira mais linear. Na Libras, entretanto, o mesmo parâmetro pode participar simultaneamente da constituição fonológica, da marcação morfológica e da organização sintática. O movimento, por exemplo, pode diferenciar sinais, indicar direção, marcar concordância, expressar aspecto ou contribuir para processos de derivação. A configuração de mão pode distinguir itens lexicais e, ao mesmo tempo, representar classes de objetos, instrumentos ou características semânticas. Essa simultaneidade evidencia a complexidade da modalidade visuoespacial.

A estrutura visuoespacial constitui, assim, um dos fundamentos da gramática da Libras. O espaço de sinalização não é apenas o lugar físico onde os sinais ocorrem, mas um recurso linguístico organizado. Ele permite estabelecer referentes, marcar relações de concordância, indicar trajetórias, construir cenas discursivas, organizar narrativas e representar relações semânticas. A apontação, o direcionamento do olhar, o deslocamento corporal e a localização de referentes no espaço funcionam como estratégias gramaticais e discursivas. Nesse sentido, a espacialidade não é elemento externo à língua, mas componente constitutivo de sua estrutura.

A iconicidade também participa da organização lexical e gramatical da Libras. Entretanto, é necessário evitar a interpretação equivocada de que sinais icônicos seriam gestos universais ou representações naturais transparentes. A iconicidade nas línguas de sinais é linguística, convencional e culturalmente regulada. Um sinal pode apresentar semelhança perceptual com seu referente, mas sua forma e seu uso dependem das normas da comunidade linguística. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 380) afirmam que a construção de sinais-termo em Libras emerge de processos cognitivos corporificados, nos quais o sujeito surdo ativo experiências sensório-motoras, organiza informações no espaço e mobiliza imagens mentais. Assim, a iconicidade não nega a arbitrariedade linguística; ela revela uma forma específica de relação entre corpo, percepção e significado.

No campo da linguística cognitiva, a Libras oferece um terreno privilegiado para compreender como o corpo participa da produção de sentidos. A corporeidade não é mero suporte físico da língua, mas princípio estruturante da significação. Os sinais são realizados por corpos situados, em interação com outros corpos, em contextos sociais específicos. A produção lexical envolve mãos, expressões faciais, movimentos do tronco, direção do olhar e uso do espaço.

Desse modo, a Libras demonstra que a linguagem não é apenas um sistema abstrato de signos, mas também uma prática incorporada, visual e interacional.

A multimodalidade da Libras amplia essa discussão. Os sinais não se constituem apenas por movimentos manuais; eles integram canais faciais, corporais e espaciais. As expressões não manuais, por exemplo, podem marcar perguntas, negação, intensidade, topicalização, afetividade, concordância e distinções lexicais. A ausência de atenção a esses elementos compromete a descrição linguística da Libras, pois reduz a língua à dimensão manual. Por isso, estudos contemporâneos têm enfatizado a necessidade de registros em vídeo, sistemas de escrita de sinais, glossários visuais e descrições multimodais capazes de representar a complexidade da língua.

A escrita de sinais, especialmente por meio do sistema SignWriting, também contribui para o estudo dos aspectos morfofonológicos da Libras. Nazário e Barros (2021, p. 166) afirmam que o SignWriting possibilita detalhar a combinação de parâmetros e auxilia na compreensão grafo-visual da estrutura e formação de sinais. Esse tipo de registro favorece a análise dos processos morfológicos e fonológicos, pois permite representar graficamente configuração de mão, movimento, locação, orientação e expressões não manuais. Além disso, contribui para a documentação linguística, para o ensino da Libras e para o fortalecimento da autonomia escrita de sujeitos surdos.

Considerar o léxico, a morfologia, a fonologia e a estrutura visuoespacial da Libras de forma integrada permite superar concepções reducionistas sobre as línguas de sinais. A Libras possui léxico próprio, capaz de expressar conceitos cotidianos, científicos, técnicos, culturais e abstratos. Possui morfologia produtiva, com processos simultâneos e sequenciais de formação de sinais. Possui fonologia organizada, baseada em parâmetros distintivos visualmente percebidos. Possui estrutura espacial gramaticalização, na qual o espaço participa da construção sintática, semântica e discursiva. Portanto, sua análise exige uma abordagem linguística que reconheça a especificidade da modalidade visual-espacial sem negar sua condição de língua natural.

A discussão sobre a linguística da Libras também possui implicações educacionais, sociais e políticas. Reconhecer a complexidade lexical, morfológica, fonológica e visuoespacial da Libras significa afirmar o direito linguístico da comunidade surda e a necessidade de práticas educacionais bilíngues que valorizem a língua de sinais como primeira língua. A compreensão científica da Libras fortalece a produção de materiais didáticos, glossários, dicionários, instrumentos de avaliação, metodologias de ensino e políticas de acessibilidade. Além disso, contribui para combater perspectivas oralistas ou assistencialistas que historicamente trataram a surdez como ausência, deficiência ou limitação comunicativa.

Dessa forma, a Libras deve ser compreendida como sistema linguístico pleno, estruturado e produtivo, cuja organização desafia modelos tradicionais baseados exclusivamente nas línguas oral-auditivas. Sua investigação amplia o campo da Linguística ao demonstrar que a linguagem humana pode realizar-se por diferentes modalidades perceptivas e articulatórias. O estudo do léxico, da morfologia, da fonologia e da estrutura visuoespacial da Libras evidencia que os sinais

são unidades linguísticas complexas, produzidas no corpo, organizadas no espaço, percebidas visualmente e compartilhadas socialmente. A Libras, portanto, não apenas comunica: ela estrutura pensamento, produz conhecimento, organiza identidades e expressa a experiência visual da comunidade surda.

## Referencial teórico

O léxico constitui uma das dimensões estruturantes da Língua Brasileira de Sinais, pois é por meio dele que os sujeitos surdos nomeiam o mundo, organizam experiências, constroem sentidos e participam de práticas discursivas em diferentes esferas sociais. No campo da Linguística, o léxico não deve ser compreendido apenas como um inventário de palavras ou sinais, mas como um sistema de unidades significativas que registra modos de percepção, categorização, memória cultural e circulação social da linguagem. Na Libras, essa compreensão ganha especial relevância porque os sinais se realizam corporalmente, visualmente e espacialmente, articulando forma, significado, uso social e experiência sensorial.

Sousa e Quadros (2023/24, p. 1) afirmam que o primeiro contato da pessoa surda com sua primeira língua ocorre por meio do léxico, isto é, por meio dos sinais. Essa afirmação permite compreender que o léxico, na Libras, não se reduz à função de nomear objetos ou ações, mas participa da constituição subjetiva e social do sujeito surdo. Cada sinal aprendido amplia possibilidades de relação com o mundo, com os interlocutores e com os discursos produzidos na comunidade surda. Nesse sentido, o léxico é também um espaço de pertencimento linguístico e identitário.

A centralidade do léxico pode ser compreendida a partir da afirmação de Antunes, segundo a qual “sem léxico não há língua” (Antunes, 2012, p. 27 *apud* Sousa; Quadros, 2023/24, p. 1). Tal formulação evidencia que nenhuma língua se sustenta apenas por regras gramaticais abstratas, pois a materialidade lexical é indispensável para que sentidos sejam produzidos socialmente. Aplicada à Libras, essa compreensão reforça que os sinais constituem unidades fundamentais para a organização da experiência visual, cultural e discursiva da pessoa surda.

Sousa e Quadros apresentam uma reflexão expressiva sobre a relação entre léxico, corpo e sentidos nas línguas de sinais:

O primeiro contato do surdo com sua primeira língua (L1) se dá por meio do léxico, dos sinais. Cada sinal vai criando seus significados – sozinhos ou em construções textuais – se materializando no corpo – nas mãos, nas expressões não manuais, nas referências, nas relações culturais – e construindo seus sentidos ao serem recebidos pelos olhos dos interlocutores, num jogo discursivo que se costura por meio dos tecidos socioculturais e identitários. (Sousa; Quadros, 2023/24, p. 1-2).

O léxico da Libras é inseparável da corporeidade e da visualidade. Os sinais são percebidos pelos olhos e produzidos pelas mãos, pelo rosto, pelo corpo e pelo espaço. Isso significa que a

unidade lexical, na Libras, não pode ser analisada apenas como uma forma linguística isolada, mas como uma construção multimodal, situada em práticas culturais e discursivas. O sinal se constitui pela articulação entre parâmetros fonológicos, valores semânticos, relações pragmáticas e experiências sociais compartilhadas pela comunidade surda.

Nessa direção, o léxico da Libras deve ser compreendido como um sistema vivo e dinâmico. Ele se transforma conforme novas demandas sociais, tecnológicas, científicas e educacionais emergem. A criação de sinais-termo em áreas como saúde, biossegurança, educação, tecnologia e ciências demonstra que a Libras possui produtividade lexical e capacidade de expansão conceitual. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 379) observam que o reconhecimento da Libras e o desenvolvimento de políticas linguísticas impulsionaram a produção de materiais bilíngues, glossários especializados e registros terminográficos. Esses movimentos ampliam o repertório lexical da língua e fortalecem sua presença em espaços acadêmicos, técnicos e institucionais.

A construção lexical da Libras envolve processos cognitivos e socioculturais. Um sinal não é criado de modo arbitrário e individual, mas passa por processos de circulação, validação e uso comunitário. Mesmo quando apresenta motivação icônica, o sinal precisa ser reconhecido socialmente como unidade linguística. Assim, a iconicidade não elimina a convencionalidade; ao contrário, funciona como recurso visual e cognitivo que pode favorecer a criação, a compreensão e a memorização de determinados sinais. Conforme Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 380), a construção de sinais-termo emerge de processos cognitivos corporificados, nos quais o sujeito surdo ativo experiências sensorio-motoras, organiza informações no espaço e mobiliza imagens mentais.

O léxico da Libras, portanto, expressa uma relação profunda entre língua, corpo, cultura e cognição. Os sinais não apenas representam significados; eles organizam modos de compreender o mundo a partir da experiência visual. Essa perspectiva também permite superar a ideia equivocada de que a Libras seria dependente da Língua Portuguesa. Embora haja contato linguístico entre Libras e português, a Libras possui mecanismos próprios de formação lexical, organização semântica e funcionamento discursivo. A presença de empréstimos, inicializações ou influências do português não descaracteriza a autonomia da língua de sinais, mas evidencia fenômenos naturais de contato linguístico.

A análise lexical da Libras também deve considerar a variação. Assim como ocorre nas línguas orais, os sinais podem variar conforme região, geração, grupo social, contexto de uso e área de especialidade. Essa variação não representa erro ou instabilidade, mas vitalidade linguística. Estudos lexicográficos e inventários linguísticos têm contribuído para documentar essa diversidade, registrando produções lexicais e ampliando a compreensão sobre campos semânticos, criatividade lexical, iconicidade e usos reais da Libras. Sousa e Quadros (2023/24, p. 7) destacam que dados lexicais podem subsidiar investigações sobre variação, produtividade, criatividade, onomástica, formação e distribuição de campos lexicais.

Dessa forma, o léxico da Libras é uma dimensão fundamental da construção de sentidos, pois nele se articulam forma linguística, experiência visual, cultura surda, corporeidade e interação social. O estudo do léxico permite compreender como a comunidade surda organiza conhecimentos, nomeia realidades, cria termos especializados e produz discursos em diferentes contextos. Por isso, qualquer análise científica da Libras deve reconhecer o léxico como eixo estruturante da língua e como lugar privilegiado de observação das relações entre linguagem, cognição e sociedade.

A morfologia da Libras ocupa lugar relevante nos estudos linguísticos por revelar os mecanismos internos de formação, modificação e expansão dos sinais. Enquanto nas línguas orais os processos morfológicos costumam ser descritos com base na linearidade de prefixos, sufixos e radicais, nas línguas de sinais a morfologia precisa considerar a simultaneidade, a espacialidade e a visualidade. Isso ocorre porque os sinais podem incorporar informações gramaticais e semânticas por meio da alteração de parâmetros como configuração de mão, movimento, locação, orientação e expressões não manuais.

Souza, Lima Neto e Lima (2021, p. 10) observam que os estudos sobre aspectos morfológicos da Libras são relativamente recentes, sobretudo quando comparados à tradição dos estudos morfológicos das línguas orais. Esse desenvolvimento tardio está relacionado ao reconhecimento legal também tardio da Libras no Brasil, ocorrido pela Lei nº 10.436/2002. Ainda assim, a expansão das pesquisas tem permitido compreender que a Libras apresenta processos próprios de formação de sinais, especialmente em razão de sua modalidade visuoespacial.

A morfologia da Libras não pode ser explicada apenas por categorias tradicionais das línguas orais, embora tais categorias possam servir como ponto de partida comparativo. As línguas de sinais apresentam mecanismos simultâneos, nos quais diferentes morfemas ou informações gramaticais podem ser realizados ao mesmo tempo. Abreu (2019, p. 6) demonstra que, na Libras, a derivação ocorre pela alteração da raiz com a adição de pelo menos um parâmetro ao sinal primitivo. Esse parâmetro pode funcionar como morfema gramatical livre ou preso, sendo adicionado de forma simultânea ou sequencial.

A partir desse entendimento, a morfologia da Libras evidencia que os parâmetros fonológicos podem assumir funções morfológicas. Felipe (2006, p. 200 *apud* Souza; Lima Neto; Lima, 2021, p. 13) argumenta que os parâmetros da Libras também podem ser morfemas, compondo sistemas complexos de flexão verbal e processos de formação de sinais. Isso significa que configuração de mão, movimento, direcionalidade, ponto de articulação, localização e expressões faciais e corporais não atuam apenas na composição formal do sinal, mas também podem carregar informações gramaticais.

Souza, Lima Neto e Lima explicam a especificidade dos processos formativos da Libras:

Nesse sentido, o presente estudo objetiva discutir os processos de formação de sinais da Libras, considerando sua modalidade linguística visuoespacial e, para isso, a investigação recorre, metodologicamente, aos preceitos de cunho

bibliográfico, o que colabora para ampliar as pesquisas na área da morfologia da Libras. Os resultados deste trabalho apontam que é possível identificar os processos formativos, principalmente, do tipo “composição” e que, por se tratar de uma língua cuja modalidade é visuoespacial, os processos de formação de sinais (componente lexical da Libras) se distinguem daqueles identificados na língua oral (Souza; Lima Neto; Lima, 2021, p. 10).

Essa afirmação reforça que a morfologia da Libras precisa ser analisada com base na natureza visuoespacial da língua. Os processos de formação de sinais podem incluir composição, derivação, incorporação, reduplicação, modificação interna da raiz e alteração de parâmetros. A composição ocorre quando dois ou mais sinais se combinam para formar uma nova unidade lexical. A derivação pode acontecer pela alteração do movimento, da orientação, da configuração de mão ou pela incorporação de elementos gramaticais. A reduplicação pode marcar repetição, intensidade, pluralidade ou distinções categoriais. A incorporação pode envolver números, negação, classificadores, instrumentos ou argumentos verbais.

Abreu (2019, p. 6) identifica, em sua pesquisa, casos de derivação infixal marcada pelo parâmetro movimento, além de processos de reduplicação e derivação sufixal relacionados a marcadores de negação. O autor conclui que os processos de derivação e incorporação nominal são produtivos na Libras, contribuindo para a formação de novos itens lexicais. Essa constatação é fundamental para compreender que a Libras possui mecanismos internos de criatividade lexical, não dependendo exclusivamente de empréstimos ou traduções da Língua Portuguesa.

A incorporação nominal é especialmente relevante porque permite que determinados argumentos sejam integrados à estrutura do verbo. Abreu (2019, p. 6) explica que a incorporação nominal pode ser entendida como associação entre verbo e argumento dentro da estrutura sintática, resultando na criação de um novo sinal. Esse processo evidencia a interação entre morfologia e sintaxe, pois a formação do sinal envolve tanto alteração formal quanto reorganização de relações gramaticais. Assim, o sinal resultante não é apenas uma combinação visual, mas uma unidade linguística complexa com valor lexical e estrutural.

Outro processo importante é a incorporação numérica. Na Libras, determinados sinais podem incorporar numerais por meio da configuração de mão, especialmente em campos semânticos relacionados a tempo, idade, quantidade, série escolar e duração. Nesse caso, a configuração de mão não funciona apenas como parâmetro fonológico, mas como morfema quantificador. Quadros e Karnopp (2004, p. 107-108 *apud* Souza; Lima Neto; Lima, 2021, p. 14) distinguem morfemas livres e presos, destacando que alguns elementos podem ocorrer isoladamente, enquanto outros precisam estar vinculados a uma base para produzir significado gramatical.

A negação também pode ser incorporada ao sinal. Felipe (2006, p. 203 *apud* Souza; Lima Neto; Lima, 2021, p. 13) analisa casos em que a negação se incorpora à raiz verbal, como em QUERER/QUERER-NÃO, SABER/SABER-NÃO e GOSTAR/GOSTAR-NÃO. Nesses casos, a modificação do movimento ou a presença de marcas não manuais pode alterar o valor

semântico do sinal. Esse fenômeno demonstra que a morfologia da Libras opera por mecanismos que podem ser simultâneos, envolvendo movimento, direção, expressão facial e configuração manual.

A morfologia simultânea é uma das características mais expressivas das línguas de sinais. Abreu (2019, p. 77-78) explica que esse tipo morfológico tem se mostrado bastante produtivo nas línguas sinalizadas, sendo utilizado principalmente em processos de flexão, derivação e incorporação. A simultaneidade permite que um sinal reúna, ao mesmo tempo, informações lexicais, aspectuais, espaciais e gramaticais. Diferentemente da linearidade predominante em muitas línguas orais, a Libras explora a possibilidade de sobrepor informações em uma mesma realização sinalizada.

Portanto, a morfologia da Libras revela que os sinais são unidades estruturadas, dinâmicas e produtivas. Sua formação envolve tanto processos semelhantes aos das línguas naturais em geral quanto mecanismos específicos da modalidade visuoespacial. O estudo dos processos de formação de sinais permite compreender a criatividade lexical da Libras, sua autonomia gramatical e sua capacidade de responder a novas demandas comunicativas. Além disso, demonstra que os níveis linguísticos não funcionam de forma totalmente isolada, pois fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e cognição interagem continuamente na constituição dos sinais.

A fonologia da Libras corresponde ao estudo das unidades mínimas que compõem os sinais e que exercem função distintiva na língua. Embora o termo fonologia tenha origem na análise dos sons das línguas orais, ele foi ampliado para descrever também a organização das línguas de sinais. Na Libras, as unidades mínimas não são sonoras, mas visuais, corporais e articulatórias. Assim, a fonologia da Libras ocupa-se dos parâmetros que estruturam os sinais e que permitem distinguir significados.

Os estudos fonológicos das línguas de sinais foram fortemente influenciados por Stokoe, que demonstrou que os sinais poderiam ser analisados a partir de unidades mínimas combinatórias. Stokoe (1960 *apud* Abreu, 2019, p. 46) identificou elementos como configuração de mão, locação e movimento, abrindo caminho para a descrição fonológica das línguas sinalizadas. Posteriormente, outros estudos ampliaram essa descrição, incluindo orientação da palma e expressões não manuais. Desse modo, a Libras passou a ser compreendida como língua dotada de estrutura fonológica própria.

Abreu (2019, p. 43) explica que as unidades mínimas dos sinais dizem respeito a cinco parâmetros: configuração de mão, movimento, locação ou ponto de articulação, orientação da palma da mão e expressões não manuais. A configuração de mão refere-se ao formato assumido pela mão durante a produção do sinal. O movimento diz respeito ao deslocamento ou à dinâmica articulatória. A locação corresponde ao ponto do corpo ou do espaço em que o sinal é realizado. A orientação indica a direção da palma da mão. As expressões não manuais envolvem movimentos faciais, corporais, oculares e posturais.

Na Libras, a alteração de um único parâmetro pode gerar mudança de significado. Esse fenômeno é comparável aos pares mínimos das línguas orais, nos quais a troca de um fonema altera o sentido da palavra. Nas línguas de sinais, dois sinais podem diferir apenas pela configuração de mão, pelo movimento, pela locação ou pela orientação, produzindo significados distintos. Vargas, Mezzomo e Kessler (2017, p. 1) elaboraram um instrumento para investigar a percepção dos contrastes mínimos na Libras, utilizando pares de sinais que se opõem em apenas um parâmetro. Esse estudo reforça que a percepção visual dos contrastes fonológicos é essencial para a compreensão e produção adequada da Libras.

A configuração de mão é um dos parâmetros mais estudados, pois apresenta grande importância na constituição lexical dos sinais. Determinadas configurações podem ser mais frequentes, enquanto outras aparecem em contextos específicos ou em sinais motivados por iconicidade. Costa (2023, p. 88) analisa a influência da iconicidade na geração de novas configurações de mãos, demonstrando que algumas configurações surgem para suprir demandas icônico-lexicais da língua. Esse dado mostra que a fonologia da Libras não é estática, pois se relaciona à produtividade lexical e às necessidades comunicativas da comunidade usuária.

O movimento também possui papel central na fonologia da Libras. Ele pode distinguir sinais, marcar aspectos gramaticais, indicar direção, expressar intensidade ou participar de processos morfológicos. Em alguns casos, a alteração do movimento pode produzir derivação, incorporação ou flexão. Isso demonstra que a fonologia da Libras está fortemente conectada à morfologia, uma vez que o mesmo parâmetro pode funcionar como unidade distintiva e como marcador gramatical.

A locação ou ponto de articulação é outro parâmetro fundamental. Um sinal pode ser produzido próximo à cabeça, ao tronco, aos braços, ao rosto ou no espaço neutro à frente do corpo. A mudança de locação pode alterar o significado do sinal, além de participar da construção de relações discursivas e espaciais. A orientação da palma da mão também pode ser distintiva, pois a direção para cima, para baixo, para dentro, para fora ou lateralmente pode modificar a forma e o sentido de um sinal. As expressões não manuais, por sua vez, desempenham papel fonológico, morfológico, sintático e discursivo, podendo marcar perguntas, negação, intensidade, topicalização, afetividade e outros valores linguísticos.

Máximo oferece uma contribuição importante para a fonologia da Libras ao analisar o estatuto da mão não dominante:

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o estatuto fonológico da mão não dominante na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) através da realização de um mapeamento lexical com vistas a descrevê-la, considerando as restrições no tocante aos parâmetros fonológicos, os tipos de sinais em que ela aparece, os espaços, a obrigatoriedade e/ou opcionalidade do seu uso e a iconicidade (Máximo, 2016, p. 8).

Essa citação evidencia que a mão não dominante não pode ser tratada apenas como apoio físico da mão dominante. A autora propõe analisá-la como elemento fonológico relevante, considerando restrições, espaços de realização, obrigatoriedade, opcionalidade e iconicidade. Em sua pesquisa, Máximo (2016, p. 8) identificou 1.167 sinais em que a mão não dominante aparece como suporte, a partir do Dicionário Enciclopédico Trilíngue de Capovilla e Raphael. Esse levantamento demonstra que a mão não dominante possui presença significativa no léxico da Libras.

A mão não dominante pode exercer diferentes funções. Em alguns sinais, ela atua como base ou suporte para a mão dominante; em outros, participa da composição do sinal de modo mais ativo. Sua presença pode ser obrigatória ou opcional, dependendo do item lexical, do contexto discursivo e das restrições fonológicas envolvidas. Máximo (2016, p. 8) identifica restrições relacionadas à configuração de mão, locação, movimento e orientação da palma. Esses dados indicam que a mão não dominante não é elemento periférico, mas parte do sistema fonológico da Libras.

A autora também observa que a maioria dos sinais em que a mão não dominante aparece são substantivos, havendo relação direta com a obrigatoriedade e a iconicidade nesses sinais (Máximo, 2016, p. 8). Esse aspecto permite compreender que certos sinais exigem a presença da mão não dominante para manter sua forma, sua motivação visual ou sua estrutura distintiva. A ausência dessa mão pode comprometer o reconhecimento lexical ou alterar a naturalidade da sinalização.

Outro ponto relevante é a relação entre mão não dominante, espaços de realização e níveis gramaticais. Máximo (2016, p. 8) afirma que muitos sinais com mão não dominante são realizados nos espaços real e sub-rogado quando são substantivos, enquanto alguns verbos de concordância podem ocorrer no espaço token em função de sua morfologia. Tal observação demonstra que fenômenos fonológicos se relacionam intensamente com a morfologia e a sintaxe. Assim, a fonologia da Libras não deve ser compreendida como nível isolado, mas como parte de um sistema interdependente.

A análise dos parâmetros, dos contrastes mínimos e da mão não dominante permite afirmar que a Libras possui organização fonológica complexa. Essa organização não depende do som, mas de contrastes visuais, articulatorios e espaciais. A fonologia da Libras demonstra que os sinais são compostos por unidades mínimas estruturadas e que a modificação dessas unidades pode alterar significados. Portanto, a Libras apresenta regularidade linguística, sistematicidade e capacidade distintiva equivalentes às demais línguas naturais, ainda que realizadas em outra modalidade.

A estrutura visuoespacial é uma das características centrais da Libras e das línguas de sinais em geral. Diferentemente das línguas oral-auditivas, que se realizam predominantemente pela produção sonora e pela recepção auditiva, a Libras se realiza por meio do corpo, das mãos, do olhar, das expressões faciais e do espaço. Essa modalidade não representa uma limitação, mas

uma forma específica e complexa de organização linguística. O espaço, na Libras, não é apenas cenário da comunicação; ele é parte constitutiva da gramática, da semântica e da construção discursiva.

A Libras utiliza o espaço para estabelecer referentes, marcar relações gramaticais, indicar direção, organizar participantes do discurso, construir cenas narrativas e expressar relações temporais ou espaciais. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 384) destacam que a gramaticalidade na Libras não se limita à estrutura isolada dos sinais, mas se expressa também na construção sintática, na ordem dos constituintes e nas marcas não manuais que codificam aspectos como negação, perguntas e topicalização. Desse modo, o espaço sinalizado funciona como domínio linguístico no qual se articulam forma, referência e sentido.

A indexação espacial é um recurso importante na organização do discurso em Libras. O sinalizante pode estabelecer um referente em determinado ponto do espaço e retomá-lo posteriormente por apontamento, direção do olhar, movimento verbal ou deslocamento corporal. Essa estratégia permite manter a coesão discursiva e organizar visualmente os participantes da interação. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 384) explicam que a duplicação pronominal, comum em línguas de sinais, pode funcionar como estratégia visual para manter a atenção do interlocutor e reforçar a clareza do discurso. Assim, aquilo que poderia parecer repetição, na perspectiva de línguas orais, funciona como recurso gramatical na modalidade visuoespacial.

A iconicidade é outro aspecto fundamental para compreender a estrutura visuoespacial da Libras. Ela ocorre quando a forma do sinal mantém alguma semelhança perceptual com seu referente, seja pela forma, pelo movimento, pela localização espacial ou pela organização visual da ação. Entretanto, a iconicidade não deve ser confundida com mímica nem com transparência universal. Um sinal icônico continua sendo convencional, pois sua forma precisa ser compartilhada e reconhecida pela comunidade linguística. Quadros e Karnopp (2004, p. 26 *apud* Nunes, 2014, p. 152) ressaltam que as línguas de sinais também são arbitrárias, pois a relação entre forma e significado não é automaticamente previsível em todos os sinais.

Nunes (2014, p. 152) observa que a iconicidade, durante muito tempo, foi vista como obstáculo ao reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais, já que a arbitrariedade era considerada característica central da linguagem. No entanto, a autora destaca que a iconicidade também existe nas línguas orais, como nas onomatopeias, e que, nas línguas de sinais, ela se manifesta de modo mais evidente devido à modalidade visual e espacial. Assim, a iconicidade não nega a natureza linguística da Libras; ao contrário, revela como a modalidade visual permite explorar relações entre percepção, forma e significado.

A relação entre iconicidade e cognição é destacada por Francisco, Bourguignon e Castro Júnior:

Sob a ótica da cognição, o processamento da Libras envolve uma complexa integração de múltiplos canais (manual, facial, corporal) associados tanto à

linguagem quanto à percepção visuoespacial. A linguística cognitiva mostra que a forma dos sinais, ainda que icônica, é sistematicamente mapeada em redes semânticas abstratas e estruturada por esquemas imagéticos, metáforas e metonímias. Assim, a cognição não apenas interpreta a forma, mas a organiza, dá coerência e articula significados em contextos diversos, inclusive na criação de neologismos e sinais-termo técnicos. (Francisco; Bourguignon; Castro Júnior, 2025, p. 385).

A Libras não é apenas visual em sentido perceptivo, mas também cognitiva e conceitualmente estruturada. Os sinais mobilizam esquemas imagéticos, metáforas, metonímias e experiências corporificadas. A forma de um sinal pode estar relacionada à experiência de movimento, equilíbrio, contenção, deslocamento, contato, direção ou localização. Assim, o significado não surge apenas da associação arbitrária entre forma e conceito, mas também da experiência corporal e visual dos sujeitos.

A linguística cognitiva contribui para compreender esse processo ao afirmar que a linguagem está enraizada na experiência humana. Lakoff e Johnson ([1980] 2002 *apud* Francisco; Bourguignon; Castro Júnior, 2025, p. 380) defendem que os processos cognitivos são corporificados, isto é, dependem da experiência sensorio-motora e da interação do corpo com o mundo. Aplicada à Libras, essa perspectiva permite compreender que os sinais se constituem a partir da relação entre corpo, espaço, percepção e cultura. O sujeito surdo não apenas representa conceitos visualmente; ele organiza o pensamento por meio de experiências espaciais e corporais.

A corporeidade, portanto, é um princípio estruturante da Libras. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 394) afirmam que o corpo atua como elemento ativo na produção de sentido, contribuindo para a construção semântica dos sinais. Essa concepção rompe com a ideia de que o corpo seria apenas suporte físico da língua. Na Libras, corpo e linguagem estão profundamente integrados: as mãos articulam unidades lexicais; o rosto marca informações gramaticais e afetivas; o olhar organiza referência e interlocução; o tronco participa de mudanças de perspectiva e construção narrativa; o espaço estrutura relações gramaticais e semânticas.

A estrutura visuoespacial também favorece processos metafóricos e metonímicos. Sinais relacionados ao conhecimento, à memória ou à informação podem utilizar regiões próximas à cabeça, mobilizando esquemas culturais que associam pensamento e mente. Sinais relacionados à saúde podem explorar movimentos de equilíbrio, invasão, contenção ou circulação, conforme observam Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 385). Nesse caso, a metáfora conceitual organiza a construção de sentido: saúde pode ser representada como equilíbrio; doença pode ser compreendida como invasão; informação pode ser concebida como algo que entra ou sai da cabeça.

Além disso, a estrutura visuoespacial permite a construção de cenas discursivas complexas. Em narrativas, o sinalizante pode assumir diferentes papéis, deslocar o corpo para representar personagens, indicar trajetórias no espaço e organizar sequências de eventos. Esse funcionamento demonstra que a Libras não é linear nos mesmos termos das línguas orais.

Ela combina simultaneidade e sequencialidade, permitindo que informações manuais, faciais, corporais e espaciais ocorram de forma integrada.

A multimodalidade é, portanto, uma dimensão indispensável da Libras. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 379) afirmam que a multimodalidade é estratégia metodológica essencial para o registro e validação de sinais, especialmente na construção de glossários acessíveis. O uso de vídeos, imagens, descrições sinalizadas e registros escritos permite documentar aspectos que a escrita alfabética da Língua Portuguesa não consegue representar integralmente. Isso é especialmente importante em estudos lexicográficos, terminológicos e educacionais.

A experiência visual também deve ser compreendida como fundamento epistemológico da língua. Stumpf e Linhares afirmam que a visualidade é base do pensamento e da linguagem dos surdos, não podendo ser reduzida a recurso pedagógico ou propriedade de objetos (Stumpf; Linhares, 2021d, p. 99 *apud* Sousa; Quadros, 2023/24, p. 3). Essa perspectiva é essencial para compreender que a Libras nasce e se desenvolve em uma experiência visual de mundo. A língua, nesse contexto, não apenas comunica, mas organiza uma forma específica de perceber, conhecer e significar a realidade.

Desse modo, a estrutura visuoespacial, a iconicidade e a cognição formam um eixo teórico indispensável para a análise da Libras. O espaço é gramatical; a iconicidade é convencional e cognitiva; o corpo é produtor de sentido; a visualidade é princípio estruturante da experiência linguística surda. Esses elementos demonstram que a Libras desafia modelos linguísticos baseados exclusivamente na oralidade e exige abordagens capazes de reconhecer sua complexidade multimodal.

Portanto, a análise integrada do léxico, da morfologia, da fonologia e da estrutura visuoespacial permite compreender a Libras como uma língua natural plena, complexa e produtiva. O léxico organiza sentidos e identidades; a morfologia revela processos de formação de sinais; a fonologia demonstra contrastes mínimos e parâmetros distintivos; a estrutura visuoespacial evidencia a centralidade do corpo, do espaço, da iconicidade e da cognição. Em conjunto, esses níveis mostram que a Libras não é um sistema auxiliar de comunicação, mas uma língua autônoma, historicamente situada e cognitivamente complexa, cuja análise amplia os horizontes da Linguística contemporânea.

## **Conclusão**

Conclui-se que a Libras constitui uma língua natural, plena e complexa, organizada por princípios linguísticos próprios que envolvem léxico, morfologia, fonologia e estrutura visuoespacial. O léxico evidencia a construção de sentidos, identidades e experiências culturais da comunidade surda; a morfologia demonstra a produtividade dos processos de formação de sinais; a fonologia revela a existência de parâmetros distintivos e contrastes mínimos; e a estrutura visuoespacial comprova a centralidade do corpo, do espaço, da iconicidade e da cognição na

organização da língua. Dessa forma, o estudo da Libras amplia a compreensão da linguagem humana, reconhecendo a visualidade como modalidade legítima de produção linguística, cultural e científica.

## Referências

ABREU, Walber Gonçalves de. **Processos de formação de sinais: um estudo sobre derivação e incorporação nominal na Língua Brasileira de Sinais**. Orientadora: Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira. 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpa.br/handle/2011/12293>. Acesso em: 12 jun. 2026.

ANTUNES, Irlandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

COSTA, Daniel Ferreira. **Aspectos fonológicos da Libras: a influência da iconicidade na geração de novas configurações de mãos**. Revista SCIAS Língua de Sinais, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 88-106, jul./dez. 2023.

FELIPE, Tanya Amara. **Os processos de formação de palavras na Libras**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, jun. 2006.

FRANCISCO, Gildete da Silva Amorim Mendes; BOURGUIGNON, Saulo Cabral; CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. **Linguística cognitiva e estudos gramaticais da Libras: sinais técnicos em saúde e biossegurança**. Linguística, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 379-397, maio/ago. 2025. DOI: 10.31513/linguistica.2025.v21n2a68155.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: EDUC, 2002.

MÁXIMO, Nídia Nunes. **Fonologia da Libras: estatuto da mão não dominante**. 2016. 161 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

NAZÁRIO, Victor Hugo Lima; BARROS, Ana Carolina Ferreira. **Análise de aspectos morfológicos da Libras e sua aplicabilidade na escrita da língua de sinais através do sistema SignWriting**. RE-UNIR, v. 8, n. 1, p. 166-187, 2021.

NUNES, Valéria Fernandes. **Narrativas em Libras: análise de processos cognitivos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. **Estudos de léxico em línguas de sinais: o que o Brasil tem produzido?** GTLex, Uberlândia, v. 9, e0925, 2023/24. DOI: 10.14393/Lex-v9a2023/24-25.

SOUSA, Alexandre Melo de; QUADROS, Ronice Müller de. **Estudos de léxico em línguas de sinais: o que o Brasil tem produzido?** GTLex, Uberlândia, v. 9, e0925, 2023/24. DOI:

10.14393/Lex-v9a2023/24-25.

SOUZA, José Marcos Rosendo de; LIMA NETO, Izaías Serafim de; LIMA, Edmar Peixoto de. **Aspectos morfológicos da Libras: reflexões necessárias sobre o processo de formação de sinais**. Raído, Dourados, MS, v. 15, n. 39, p. 10-26, set./dez. 2021. DOI: 10.30612/raido.v15i39.14740.

STOKOE, William C. **Sign language structure: an outline of the visual communication systems of the American Deaf**. Buffalo: University of Buffalo, 1960. (Studies in Linguistics: Occasional Papers, n. 8).

STUMPF, Marianne Rossi; LINHARES, Ramon Santos de Almeida (org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior**. v. 4. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.

TAKAHIRA, Aline Garcia Rodero. **Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS**. Estudos Linguísticos, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 262-276, jan./abr. 2012.

VARGAS, Diéssica Zacarias; MEZZOMO, Carolina Lisbôa; KESSLER, Themis Maria. **A elaboração de um instrumento para investigar o domínio da percepção dos contrastes mínimos na língua brasileira de sinais**. CoDAS, v. 29, n. 4, e20160234, 2017. DOI: 10.1590/2317-1782/20172016234.